

O GÊNERO MEME NAS MÍDIAS SOCIAIS DIGITAIS

Luiz Eleildo Pereira Alves (UECE)

eleildoa@gamil.com

Francisco Igor Albuquerque Dantas (UECE)

igor.albuquerque@aluno.uece.br

RESUMO

A emergência das mídias sociais digitais tem causado grande impacto nas diversas formas de interação social. Nesse contexto, diversos tipos de textos têm surgido com vistas a atender a diversidade de propósitos comunicativos que surgem no meio digital. Como são múltiplas as práticas sociais, são múltiplos os gêneros que emergem desse contexto interativo. Dessa forma, este trabalho se propõe a analisar o gênero meme a fim de defini-lo enquanto gênero social dentro de uma prática social organizada nas mídias sociais digitais. Para tanto, baseamo-nos no conceito de texto como evento comunicativo e na proposta de gêneros como construções textuais reconhecidos psicossocialmente (BAZERMAN, 2005). Apresentaremos a análise de alguns memes e discutiremos como esses enunciados ligam-se a atos de fala situados e que representam fatos sociais culturalmente compartilhados. Acreditamos que os resultados de nossas análises evidenciam a funcionalidade desse gênero e mostram como eles também possuem características como prototipicidade e recorrência. Merece destaque, ainda, o reconhecimento desses enunciados em práticas sociais organizadas.

Palavras-chave: Meme. Gênero textual. Linguística de Texto.

RESUMEN

La aparición de las redes sociales digitales ha tenido un gran impacto en diversas formas de interacción social. En este contexto, han surgido varios tipos de textos con el fin de satisfacer la diversidad de propósitos comunicativos que surgen en el medio digital. Debido a que las prácticas sociales son múltiples, existen múltiples géneros que emergen de este contexto interactivo. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo analizar el género meme para definirlo como un género social dentro de una práctica social organizada en las redes sociales digitales. Para este fin, confiamos en el concepto de texto como un evento comunicativo y en la propuesta de géneros como construcciones textuales psicossocialmente reconocidas (BAZERMAN, 2005). Presentaremos el análisis de algunos memes y discutiremos cómo estas declaraciones se vinculan con actos de habla situados que representan hechos sociales culturalmente compartidos. Creemos que los resultados de nuestros análisis resaltan la funcionalidad de este género y muestran cómo también tienen características como la prototipicidad y la recurrencia. También es notable el reconocimiento de estas declaraciones en las prácticas sociales organizadas.

Palabras-clave: Meme. Género Textual. Lingüística de textos.

1. Considerações iniciais

De acordo com Luiz Antônio Marcuschi (2008), as correntes contemporâneas de estudo de gênero encontram, em Mikhail Mikhailovich Bakhtin, subsídios teóricos macroanalíticos relevantes para se pensar no campo da linguagem o estudo desses – assim definidos – “tipos relativamente estáveis de enunciados”. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

As contribuições de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e o círculo, ao defenderem que o emprego da língua se efetua em enunciados situados socio-historicamente, deram enormes contribuições aos estudos da linguagem, uma vez que as pesquisas cada vez mais estão voltadas a reflexões sobre a linguagem em seus contextos enunciativos.

Pensar esses “momentos de interação verbal” é, também no nosso entendimento, pensar a construção de sentidos dentro dos jogos de linguagem (WITTENGEINSTEIN, 2014) que são reconhecidos no próprio fluir das interações, o que nos leva a revisar antigos conceitos há muito discutidos, como o próprio conceito de gênero textual¹, uma vez que, como argumentaremos mais adiante, eles constituem os próprios jogos de linguagem através dos quais e nos quais interagimos a todo momento.

Com a emergência das mídias sociais digitais, que proporcionaram “novos domínios comunicativos” (BAZERMAN, 1997, *apud* BAWARSHI & REIFF, 2013), as pesquisas no campo do estudo dos gêneros textuais/discursivos têm se voltado, cada vez mais, à reflexões “sobre como a mídia de que o gênero participa molda o conhecimento e a ação do gênero”. (BAWARSHI & REIFF, 2013, p. 197)

Dessa forma, este trabalho se propõe a analisar o gênero meme a fim de defini-lo enquanto gênero textual dentro de uma prática social organizada nas mídias sociais digitais. Para tanto, baseamo-nos na proposta de gêneros como construções textuais reconhecidas psicossocialmente. (BAZERMAN, 2005)

Para tanto, este trabalho está estruturado da seguinte forma: esta introdução, em que apresentamos nosso propósito com este artigo; a seção a seguir, que tratará da concepção teórica a partir da qual discutimos o

¹ Neste trabalho, optamos pela nomenclatura *gênero textual* por entendermos, inclusive para sermos coerentes com a proposta sociocognitivista, que o texto não é apenas a materialidade expressa, mas que emerge no discurso. Dessa forma, não vemos uma dissociação tão precisa entre texto e discurso, para mais, ver autores como Ana Alice Alcantara Costa (2007) e Luiz Antônio Marcuschi (2007).

tema proposto; a seção de análise, quem que propomos algumas características para pensarmos o processo de mimetização de textos nas mídias sociais digitais; e, por fim, breves considerações finais sobre este estudo que é fruto de algumas reflexões ainda iniciais sobre o tema.

2. Gêneros textuais como “formas de vida” e como “jogos de linguagem”

A contribuição da perspectiva bakhtiniana aos estudos do gênero destaca-se por entender que os textos, ou seja, os enunciados que produzimos, são sempre construídos colaborativamente e, dentro das esferas de atividade humana, exercem-uma função social.

É por entendermos o viés profundamente social dos gêneros e a importância que esses exercem sobre nossas práticas cotidianas, que nos filiamos, neste estudo, à perspectiva de gêneros debatida por Charles Bazerman (2005). Para esse autor, os gêneros são tão somente aquilo que as pessoas afirmam que são, ou seja, são construtos reconhecidos psicossocialmente, e não modelos incorporados fora das práticas sociais.

É o nível de reconhecimento do gênero pelas práticas socialmente organizadas que Charles Bazerman traz para o seio dos seus estudos a perspectiva pragmática de John Langshaw Austin (1962) que entende que a linguagem tem uma dimensão performativa que ultrapassa uma mera descrição do mundo. Ao tratar dos enunciados como dizeres performativos situados e que agem sobre o mundo, John Langshaw Austin reconhece nos atos de fala três forças²: a força locucionária, que é propriamente o dito, o conteúdo linguístico desse dizer; a força ilocucionária, que é a força empregada nesse dizer que influencia a forma como esse enunciado vai ser recebido pelo meu interlocutor; e, por fim, a força perlocucionária, ou efeito perlocucionário, que é a ação feita pelo interlocutor como resposta ao ato de fala anterior. A título de ilustração, apresentamos o diálogo a seguir extraído de uma página de facebook:

- Lembrei-me aqui de um protesto:
– Mamãe, você é grossa e ainda me bate. *Não quero mais que você me bata!*
– Luna!!! Eu nunca bati em você, você sabe que eu não concordo com isso.

² Jacob Louis Mey (2014) evidencia que a divisão entre força locucionária e ilocucionária é apenas no nível da abstração, uma vez que o conteúdo linguístico está intrinsecamente ligado à força do dizer em dado momento. Haveria, para esse autor, apenas duas forças atuando no ato de fala.

Não fale mais isso! Mamãe não bate em você e nunca vai bater!



– Bate, sim. *Você bate com as palavras.* Você sempre bate com as palavras.



Ao tomarmos o exemplo acima, que reproduz a conversa entre uma mãe e sua filha, uma criança de seis anos de idade, podemos perceber como ato locucionário a fala da criança “– *Mamãe, você é grossa e ainda me bate. Não quero mais que você me bata!*”. A força ilocucionária empregada no dizer dessa criança, inclusive pela escolha lexical do verbo *bater*, gera, na mãe, o efeito perlocucionário de espanto, decorrendo em outra ação que é a repreensão da mãe para com a filha.

No entanto, precisamos ter em mente que o próprio enunciado da filha já é, por si, um efeito perlocucionário a uma ação anterior, da mãe: ela diz algo para a criança que é tão forte como “bater”. Percebemos, com esse exemplo, como as práticas sociais são situadas e como nossos atos de fala são sempre ligados a atos de fala anteriores, ou seja, a enunciados anteriores, como chama a atenção Valentin Volóchinov (2017).

Charles Bazerman entende que

Uma maneira de coordenar melhor nossos atos de fala uns com os outros é agir de modo típico, modos facilmente conhecidos como realizadores de determinados atos em determinadas circunstâncias. Se percebemos que um certo tipo de enunciado ou texto funciona bem numa situação e pode ser compreendido de uma certa maneira, quando nos encontramos numa situação familiar, a tendência é falar ou escrever alguma coisa também similar. (BAZERMAN, 2005, p. 29)

No caso das redes sociais, ao tratarmos do gênero meme, essa colaboração para o reconhecimento da intenção comunicativa dos interlocutores acontece com uma finalidade satírica, uma vez que, como também afirma Charles Bazerman (2005, p. 29), “os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais”.

Um fato importante, ainda, na proposta de Charles Bazerman, é como os gêneros são entendidos como ligados a um fato social que demanda atividades que vão sendo tipificadas. Para ele, o gênero é, em suma, um “enunciado feliz” nos dizeres austinianos.

Por ter um viés fortemente pragmático, a compreensão de gêneros textuais apresentada por Charles Bazerman nos parece relevante e coerente

para explorar gêneros tão fluidos como os que emergem nas mídias sociais digitais. Ao nos depararmos com querelas que tentam dizer o que é e o que não é gênero na busca de critérios tão bem definidos pensamos se tais abordagens não negam a própria “relativa instabilidade” (BAKHTIN, 2011) inerente a esses enunciados tipificados. Ademais, se recorrermos a Ludwig Wittgenstein (2014) perceberemos que os critérios não são suficientes para determinar nossos jogos de linguagem. Conforme entende este autor, o critério não acaba o jogo de linguagem; ele o começa. (WITTGENSTEIN, 2014, § 290). A expressão “jogo de linguagem”, em Ludwig Wittgenstein enfatiza as ações desenvolvidas por nós, nossas formas de vida.

Chama-nos a atenção como os sujeitos conseguem interagir (re)construindo sentidos em meio a essa dinâmica rede de relações que estabelecemos com os outros a todo instante. Todos os dias somos bombardeados com diversas informações que instantaneamente se proliferam na internet em uma velocidade absurdamente grande. A qualquer momento, em qualquer lugar a informação nos rodeia. Nunca foi tão claro (e coerente) afirmar: vivemos (em) textos.

Tal questão também é discutida por Pierre Lévy, em *Cibercultura*, a respeito da interação nas mídias sociais digitais. Esse autor afirma que a internet ocasionou uma mudança do paradigma “um por todos” pelo “todos por um” que demonstra, ao nosso ver, ainda mais a complexidade das interações por meio da internet.

Como exemplo de textos que permeiam nossas formas de vida, o gênero meme está, talvez, ganhando mais destaque que outros textos que circulam pelas redes sociais. Esses textos são gerados por sujeitos que adquiriram, com a internet, autonomia criativa, já que ao toque de um clique qualquer texto pode ser amplamente divulgado. Aliás, diversos outros gêneros têm recorrido ao meme com o fito de condensar informações, causar humor etc. e assim chamar a atenção dos leitores. É cada vez mais comum lermos notícias que recorrem ao meme, programas de tv etc.

Mas, afinal, o que é um meme? A palavra meme foi registrada pela primeira vez em 1976, decorrente de estudos desenvolvidos pelo biólogo Richard Dawkins, que procurou fazer uma analogia entre transmissão genética e cultural a partir de um trocadilho com a palavra grega “mimema”, desejoso de que o novo termo soasse como gene. Para Richard Dawkins (2007, p. 148), “os memes propagam-se no ‘fundo’ de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no

sentido amplo, de imitação”.

Para Richard Dawkins, o fator cultural é tão importante quanto o fator genético no processo de evolução dos seres vivos. Exemplifica o próprio autor: “Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro”. (DAWKINS, 2007, p. 148)

O meme, assim, é visto também como um organismo vivo que parasita no cérebro. Para estudos mais recentes, como Paulo Emanuel Bento Alves (2017, p. 7), “O meme é uma unidade de informação que possui múltiplas manifestações no espaço social.”, ou seja, “o meme existe num sistema aberto auto-organizativo”. (*Idem*, p. 13)

Concebemos a noção de meme, como multiplicador heterogêneo, que se perpetua manifestando-se de múltiplos modos na sociedade pelas mídias sociais digitais, mantendo o fato social que o originou como essência e que, pela (inter)ação humana, em uma cadeia ininterrupta de fatos sociais, nos mais diferentes contextos de comunicação, incorpora outros fatos sociais e catalisa outros gêneros textuais.

Ressaltamos que, em detrimento do conhecimento linguístico e sociocultural dos atores sociais, alguns fatos sociais são mais produtivos que outros, pois são mais ou menos compartilhados, mais ou menos apreendidos e, por isso, alguns memes são mais ou menos “produtivos”, para recorreremos aos dizeres de Richard Dawkins (2017).

A seguir, procuramos elucidar nossas discussões com a análise de 5 tipos de memes. Passemos a elas.

3. Reflexões sobre o meme enquanto gênero textual nos jogos de linguagem das mídias sociais digitais

Como dissemos, a proposta de gênero textual com a qual alinhamos nossa discussão neste trabalho está ligada às reflexões de Charles Bazerman (2005), para quem os gêneros são fatos sociais legitimados e, por isso, tornam-se práticas recorrentes. Ao tratar de fato social, o referido autor afirma que “fatos sociais são as coisas que as pessoas acreditam que sejam verdadeiras e, assim, afetam o modo como elas definem uma situação. As pessoas, então, agem como se esses fatos sociais fossem verdades.” (BAZERMAN, 2005, p. 23). Dessa forma, podemos compreender que um fato

social é uma verdade performatizada, uma vez que à luz da sociocognição somos levados a entender que não existe uma verdade única no mundo real, mas pontos de vistas que são construídos discursivamente a partir de uma complexa relação nem sempre consciente do sujeitos inseridos em práticas comunicativas reais³.

Dentro dessa proposta apresentada por Charles Bazerman (2005), o fato social é um enunciado legitimado. Citando o sociólogo William Isaac Tomas (1923), Charles Bazerman também entende que “se as pessoas definem situações como reais, elas são reais em suas consequências.” Se os fatos sociais estão ligados a um tema de compreensão social, o gênero meme, como outros que circulam nas mídias sociais digitais, está ligado à capacidade das pessoas de performatizarem uma ação pública ou isolada. Dessa forma, entendemos que a natureza social do meme tem duas origens:

1. Fato social de natureza ampla

– Chamamos “de natureza ampla” os memes que surgem a partir de uma situação já amplamente divulgada, geralmente situações que são transmitidas pela TV em programas ao vivo, postagens em redes sociais de famosos, cenas de novelas, personagens públicos etc.

2. Fato social amplamente divulgado

– Chamamos “amplamente divulgado” memes que têm uma origem isolada, por exemplo, textos, fotografias e/ou relatos pessoais de sujeitos anônimos, bordões de um grupo restrito, áudios de *WhatsApp* em conversas pessoais (entre familiares, amigos etc.), que podem

vazar ou ser “descobertos” repentinamente e, pelo nível de compartilhamentos (divulgação) ganham nas redes sociais “releituras” diversas, afetando as palavras que as pessoas falam ou escrevem, bem como a força que tais enunciados possuem. (BAZERMAN, 2005, p. 24)

As “releituras” ou recategorizações (MONDADA & DUBOIS, 2003) são essenciais à definição e sobrevivência do gênero meme. Há o caso de memes, por exemplo, de natureza ampla que são, na verdade, frutos de ressignificações de cenas, enunciados, de séries ou filmes antigos, sendo redescobertas e ressignificadas pelas redes sociais. Não é raro

³ A esse respeito ler Lorenza Mondada e Danièle Dubois (2003).

encontrarmos pelo facebook, por exemplo, páginas inteiras dedicadas a séries e/ou filmes da década de 60. Um grande exemplo disso é a página *Chapolin Sincero* (com mais de 7 milhões de seguidores até o presente momento), que recategoriza diversas cenas dessa personagem dos anos 70, como podemos ver nas imagens 1 e 2, a seguir:



Imagens 1 e 2 – Chapolin Sincero

Fonte: <<https://www.facebook.com/ChapolinSincero/>>. Acesso: 10-11-2019.

Não importando a natureza social do meme, se é de natureza ampla ou amplamente divulgada, a configuração deste como tal está determinadamente ligada à sua capacidade de se tornar um fato reconhecido amplamente. O meme precisa ser disseminado, ou seja, o meme sempre será um texto que se “espalha” pelas diversas esferas de atividade humana. Lembremos, ainda, que por mais que a internet tenha dado um novo *status* aos memes, essa capacidade mimética dos textos não se restringe apenas às mídias digitais.

Assim como os demais gêneros textuais, como aponta Charles Bazerman (2005), o meme também está ligado a um fato social. É um enunciado que pode ter diversas naturezas semióticas (imagens, palavras, gestos, sons etc.) que, quando lançado no jogo das interações, recategoriza-se, assumindo novas formas e sentidos, mas que de alguma forma relacionam-se ao seu sentido originário. Daí a natureza recorrente desses gêneros.

Outra característica do gênero meme nas mídias sociais digitais é a comicidade. Seja um fato social mais preocupante (como denúncias públicas sobre personagens da política ou da mídia de modo geral) ou um fato já de natureza cômica (como cenas de personagens comuns que possuem um grau de comicidade reconhecido e por isso “legitimado” pelos leitores), o meme tem como característica algum nível de comicidade.

No exemplo a seguir, apresentamos um meme que surgiu de um fato já publicamente compartilhado: uma denúncia feita durante um programa jornalístico da TV na qual uma servidora pública foi flagrada “bataendo o ponto” e voltando para a casa logo que chegou para o expediente. Ao ser abordada pela repórter, a mulher negou o fato de ser servidora pública e saiu correndo enquanto a repórter a seguia de microfone na mão gritando “Senhora! Senhora!”. Esse fato amplamente divulgado logo tornou-se um “meme” nas redes sociais. A partir do qual podemos destacar que não só a imagem da cena, mas o próprio enunciado “Senhora! Senhora” tornaram-se memes. A seguir vemos um exemplo da referida cena:



Imagem 3 – Meme Senhora

Fonte: <<https://memegenerator.net/img/images/300x300/14067312.jpg>>.

Acesso em: 10-11-2019.

Esse meme é recategorizado em enunciados posteriores que tomam a mesma cena para a construção de sentido humorístico do texto. Destacamos que o próprio episódio é cômico e que se torna meme justamente pela sua natureza risível. A seguir, vejamos outra produção, dentre inúmeras, decorrentes desse fato social:



Imagem 4 – Meme Senhora 2.

Fonte: <http://www.museudememes.com.br/wp-content/uploads/2015/10/12038247_150526238629167_7178515228092736050_n.jpg>.

Acesso em: 23-08-2019.

Uma característica bastante perceptível nos memes é o entrecruzamento de enunciados cômicos. Assim, se entendermos em Charles Bazerman (2005) que os fatos sociais são mediados por textos e se os memes são um entrecruzamento desses fatos, podemos afirmar que são textos de natureza intertextual. Na imagem 4 podemos perceber a presença de outros enunciados que se relacionam ao fato social primeiro para adquirir comichidade, mas que são, a cada nova produção um fato social novo, uma vez que na imagem 4 o propósito do texto relaciona-se a outro tema, a saber: a quantidade de matéria acumulada que um possível estudante tem. Dessa forma, mesmo o texto tendo uma relação com o fato social anterior, ganha uma ressignificação. Acreditamos, inclusive, que há situações em que o texto já foi tão mimetizado que chega a afastar-se quase que completamente do fato social inicial.

A partir das definições que apresentamos anteriormente, podemos dizer que o meme *Senhora* tem origem em um fato social de natureza ampla, uma vez que se deu a partir de uma entrevista ao vivo a um programa de TV, como já dissemos. A seguir, temos o exemplo de um meme que tem origem em um fato social amplamente divulgado:

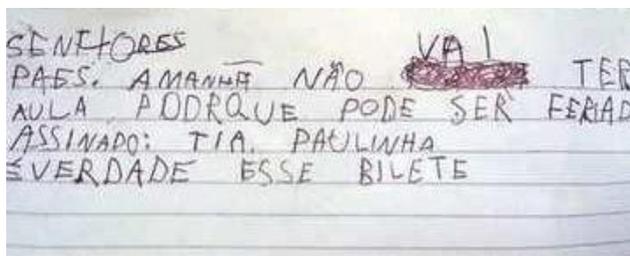


Imagem 5 – Meme é verdade esse ‘bilete’

Fonte: <<https://static.meionorte.com/uploads/imagens/2018/12/26/thumb/c-360-270-q-100-e-verdade-esse-billete-um-dos-maiores-memes-de-2018-0c166e50-eab9-40a4-8892-830ac3a2ba74.jpg>>. Acesso: 10-11-2019.

Segundo o site *Dicionário Popular*⁴, esse bilhete foi escrito por um menino de 5 anos do interior de São Paulo que galgava enganar a mãe para não ir à aula. Rapidamente a história ganhou fama na internet e virou um meme. Sobre a tentativa malograda da criança de enganar a sua mãe, merece destaque o enunciado “É verdade esse bilete” que tenta dar ao texto uma força ilocucionária maior, para que a mãe não duvide da “veracidade” do suposto “recado da professora”. É justamente esse trecho do enunciado o que vai ser repetido em diversas releituras desse meme. Vejamos exemplos:

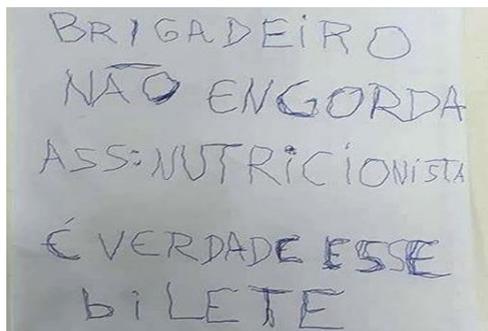


Imagem 6 – Brigadeiro Não engorda. Fonte:

<<https://www.facebook.com/everdadeessebilheteofc/photos/a.261964171325585/261964087992260/?type=3&theater>>. Acesso em: 27-10-2019.

⁴ Fonte: <<https://www.dicionariopopular.com/e-verdade-esse-billete>>. Acesso em: 17-12-2018.

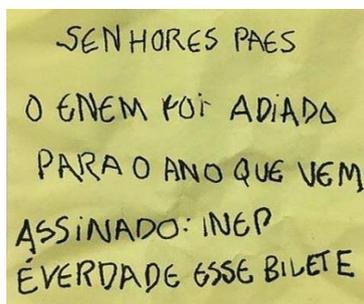


Imagem 7 – Enem. Fonte: <<https://www.facebook.com/everdadeessebilheteofc/photos/a.261964171325585/263821304473205/?type=3&theater>>. Acesso: 27-10-2019.

Ao observarmos as imagens 6 e 7, podemos perceber que não só o enunciado “*É verdade esse ‘bilete’*” (com a marca de erro de escrita da criança estilisticamente reproduzida) é mimetizado, mas no que tange à dimensão imagética, a própria escrita trêmula e de estilo gráfico bagunçado também é reproduzida como característica que remete ao texto original, imitando a escrita da criança. Com isso, vemos que o meme recorre a múltiplos elementos semióticos na construção de sentido a depender da situação contextual.

Na imagem 6, temos a ideia de que o texto foi escrito por uma nutricionista, como que “liberando” o(a) paciente para comer guloseimas, no caso, brigadeiro. Já pela imagem 7 podemos inferir que trata de um texto produzido por um estudante de ensino médio que está com medo ou não quer ir fazer a prova do ENEM.

Apesar de ter algum nível cômico, o gênero meme também se entrecruza com fatos sociais que dão aos novos textos características mais críticas, como é o caso do *twitter* reproduzido a seguir:

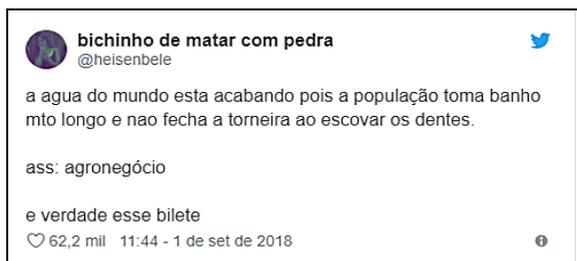


Imagem 8 – ENEM.

Fonte: <<https://segredosdomundo.r7.com/e-verdade-esse-bilhete-um-dos-maiores-memes-de-2018>>. Acesso em: 17-09-2019.

Podemos perceber pelos memes de *É verdade esse bilhete*, que variadas retomadas podem ser feitas com o fito de recategorizar o texto e deixar algum teor de humor. Na imagem 8 temos um exemplo que se distancia bastante do propósito cômico do meme inicial, aquele reproduzido na imagem 5. No entanto, achamos arriscado afirmar categoricamente que na imagem 8 temos um meme sem traços de humor. Acreditamos ser mais coerente ver esse traço humorístico do meme em um contínuo do mais ao menos cômico. Ao fazer uma crítica ao agronegócio, podemos entender que a comicidade do texto acima está presente no aspecto irônico do texto.

Por fim, procuramos mostrar como uma expressão pode, sozinha, ser um meme. Em abril deste ano de 2019, os cantores Paula Fernandes e Luan Santana gravaram uma releitura da música *Shallow*, de Lady Gaga. A versão brasileira feita pelos artistas foi intitulada "Juntos". De acordo com o site *Dicionário Popular*⁵:

Na letra original de *Shallow*, a cantora [Lady Gaga] fala sobre crises e momentos difíceis, com um refrão que termina com "*we're far from the shallow now*", que significa "estamos longe do raso agora". Na releitura de Paula Fernandes, a cantora optou por fazer uma letra que falava sobre a volta de um casal, porém no final ela coloca "Juntos e shallow now", que poderia ser traduzido como "Juntos e rasos agora", o que não faz nenhum sentido.

Esse fato social de natureza ampla, a versão brasileira da música de Lady Gaga, provocou a mimetização da expressão "Juntos e shallow now", sendo ressignificada em inúmeros memes, como os que vemos a seguir:



Imagem 9 – Shallow now

Fonte: <<https://www.dicionariopopular.com/juntos-e-shallow-now-memes-morreumaestrela/>>. Acesso em: 28-10-2019

⁵ Disponível em: <<https://www.dicionariopopular.com/juntos-e-shallow-now-memes-morreumaestrela/>>. Acesso em: 27-10-2019.

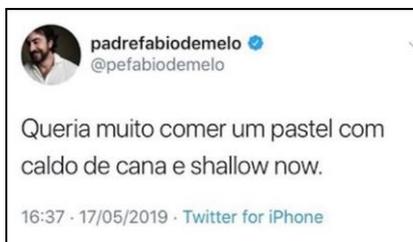


Imagem 10 – Twitter Pe. Fábio de Melo. Fonte: <<https://www.dicionariopopular.com/juntos-e-shallow-now-memes-morreumaestrela/>>. Acesso em: 28out2019

Nas imagens 9 e 10 podemos perceber o uso do meme "Juntos e shallow now". Podemos perceber que diferentemente do que acontece com o exemplo mostrado na imagem 8, o grau de comicidade desses textos é bem maior e, embora tenham temas diferentes, os textos têm um propósito de causar humor recorrendo ao uso do meme.

Assim, podemos perceber que uma expressão apenas pode ser, por si, um meme, desde que seja reconhecida pelos sujeitos interagentes em práticas sociais situadas. A seguir, apresentamos alguns argumentos conclusivos.

4. Considerações finais

Neste trabalho buscamos analisar o gênero meme a fim de defini-lo enquanto gênero textual dentro de uma prática social organizada nas mídias sociais digitais. Para tanto, recorremos a diversos exemplos de memes, a fim de mostrar que esses textos podem, sim, ser categorizados como gêneros textuais, uma vez que são reconhecidos nas mais diversos jogos de linguagem que acontecem dentro e fora das mídias sociais digitais.

Embora não apresente características rígidas, uma vez que pode se manifestar de diversas formas recorrendo à múltiplas semioses, o meme é um gênero textual que possui alguns traços comuns que tentamos discutir neste trabalho. São eles: o fato social, a comicidade, a recategorização, a capacidade de disseminação, entre outros aspectos que ainda não foram contemplados neste estudo que é apenas um registro dessas reflexões iniciais que temos feito, em aulas e eventos científicos, a respeito do gênero meme.

Esperamos que este trabalho suscite a curiosidade de outros estudiosos que pensam em trabalhar com o mesmo tema. A interação nas

mídias sociais digitais, por sua dinâmica, nos oferece a cada dia novos objetos curiosos passíveis de estudos sob o viés da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Paulo Emanuel Bento. *O meme como unidade cultural: Alice, um meme multidimensional*. 2017. Dissertação (de mestrado em cultura e comunicação). – Universidade de Lisboa, Lisboa.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things words*. Cambridge: Harvard University, 1962.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. Trad.: Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Organizados por Ângela Paiva Dionísio e Judith Chamblis Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia (Orgs.). *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação/ Unesco, 2007, p. 51-82.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEY, Jacob Louis. Sequencialidade, contexto e forma linguística. In: SILVA, Daniel Nogueira; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira. *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 129-144.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. (Org.). *Referenciação*. Clássicos da Linguística, vol. 1. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. 9. ed. Trad.: Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2014.